

**PESSOAS COMUNS NO CIBERESPAÇO: <sup>1</sup>**  
**dimensões éticas e estéticas da ocupação midiática**  
**Beatriz Bretas<sup>2</sup>**

***Resumo:** O texto desenvolve reflexões sobre a apropriação do espaço telemático por pessoas comuns, distinguindo as possibilidades pragmáticas da linguagem na organização de redes de sentido e na congregação dos interlocutores. Destaca características midiáticas da Internet e examina a inclusão do sujeito ordinário na produção de conteúdo, observada como ocupação midiática. Tendo em vista essa produção, cuja publicação é cada vez mais facilitada pela tecnologia, dois casos empíricos são ressaltados para discutir as dimensões estéticas e éticas presentes nas interações, bem como para apontar competências comunicativas requeridas aos sujeitos.*

***Palavras-Chave:** Comunicação mediada por computador. Pragmática. Redes sociais. Colaboração.*

---

Pessoas comuns, desprovidas da notoriedade proporcionada pelos refletores midiáticos, constituem em suas conversações um vasto manancial para a realização cotidiana da vida, servindo de motor para a tessitura de redes sociais que conectam as pessoas entre si e ao mundo. As reflexões aqui expostas, provenientes da pesquisa “Interfaces telemáticas: os sujeitos na atualização do virtual” <sup>3</sup>, pretendem colocar em evidência tal tipo de interlocuções, capturadas de suportes telemáticos, de modo a compreender as conversas como ações produtoras de sentidos que podem alterar contextos, com potencialidades para construir a realidade.

Acreditamos que o estudo dessa pragmática de falas ordinárias tem a força de apontar dimensões éticas implícitas no convívio social, revelando valores inerentes à cooperação e à solidariedade inscritas em práticas comunicativas. Contamos para isso com os registros proporcionados pela digitalização e pela circulação em rede de enunciados<sup>4</sup> que se articulam na produção de textos coletivos. Entretanto, pensamos que o meio telemático não serve

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho “<Comunicação e Sociabilidade>”, do XVII Encontro da Compós, na UNIP, São Paulo, SP, em junho de 2008.

<sup>2</sup> Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - Universidade Federal de Minas Gerais. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. [beatrizbretas@uol.com.br](mailto:beatrizbretas@uol.com.br)

<sup>3</sup> Pesquisa desenvolvida no GRIS - Grupos de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade da UFMG, dentro do projeto integrado “Narrativas do cotidiano III: os sujeitos nas interfaces”.

<sup>4</sup> O enunciado é compreendido como a menor unidade de comunicação discursiva, oral ou escrita. (BAKHTIN, 2003)

apenas como mero suporte para essas inscrições, mas refere-se a algo que participa ativamente na conformação dos modos de sociabilidade nos nossos dias.

Entendemos que um dos caminhos para a apreensão desses valores passa pela investigação da dimensão estética das conversações, cuja forma pode dar a ver normas, princípios ou padrões aceitos ou mantidos pela sociedade. A face estética das práticas comunicativas, desveladora de uma ética das maneiras de estar com o outro, é então apreendida por meio das telas dos computadores, das interfaces, vistas como espaço da materialidade significativa das conversações.

Para Michel de Certeau (1994) as conversações ordinárias integram o inventário das práticas cotidianas, às quais confere o estatuto de objeto teórico. Ele as analisa na tentativa de capturar a realidade móvel, compreendendo-as como efêmeras e pertencentes à ordem das astúcias dos atores comuns, sem renome. Dessa forma, observa relações entre o uso da língua e outras práticas (como caminhar, cozinhar, comer etc.) indicando uma correspondência entre as sagacidades que envolvem essas ações e os movimentos retóricos presentes nas trocas de enunciados. Ou seja, os modos de falar prestam-se como modelos para modos de fazer. Esta concepção revela outra maneira de compreender a realidade, dando legitimidade à força das pequenas práticas do cotidiano que revelam um modo de enfrentamento do mundo, reconhecendo o conhecimento produzido pela experiência no dia-a-dia<sup>5</sup>. As astúcias presentes nos modos de dizer de conversações ordinárias na www são inúmeras e designam formas de apropriação do espaço telemático, capazes de indicar contradições e paradoxos nos processos comunicativos que mostram “gestos hábeis do “fraco”, na ordem estabelecida pelo “forte”, arte de dar golpes no campo do outro”. (CERTEAU, 1994: 104).

Armand Mattelart (2007) questiona as promessas de um mundo unificado e pacificado, graças, entre outros fatores da globalização, ao desenvolvimento da Internet. Assentando-se em lógicas do mercado, o enquadramento das infovias cibernéticas, aclamadas como os principais vetores da nova ordem mundial da informação, para ele, favorecem ao empobrecimento dos conceitos. Assim, a expressão “sociedade global da informação” configura-se como um “neologismo amnésico” que tem o poder de desconsiderar todo um movimento multiseular de unificação do mundo. Nos anos 50 do século passado são

---

<sup>5</sup> Da mesma forma, Boaventura Santos (2004) ao evocar uma ecologia dos saberes confere dignidade a outras maneiras de produzir o saber, que não se restringem a feitos consagrados como verdadeiros pela racionalidade ocidental.

desenhadas nos Estados Unidos as premissas teóricas de uma sociedade pós-industrial que, mais tarde nos anos 70, dará forma à sociedade da informação. O discurso aí inscrito anuncia o primado da inteligência artificial, evocando a racionalidade. Nesse quadro, as indústrias culturais americanas e suas redes de informação e comunicação veiculam os valores de um novo universalismo, disseminando o projeto econômico de integração global. Posteriormente, com a irrupção da Internet em 1994, sob a hegemonia americana, os direcionamentos do espaço telemático foram formulados nos encontros dos países mais ricos do mundo.

Para Mattelart, a noção e o projeto de uma sociedade da informação passaram ao largo do debate dos cidadãos. Entretanto, ele observa uma nova configuração de atores sociais e profissionais que se ancoram em projetos plurais de construção de “sociedades do saber” por todos e para todos, dentro da esfera de circulação e de produção. São propostas que criticam o modelo unívoco da “sociedade global da informação”, articuladas por dois princípios: de um lado, os primeiros passos de uma filosofia dos bens públicos comuns. São bens simbólicos ligados à cultura, à educação e à informação em conjunto com bens de outra natureza, como a água e o ambiente. Ou seja, compreendem tudo aquilo que não deve ser submetido às leis do livre comércio. O outro lado corresponde ao “direito à comunicação” que se apóia nas idéias de diversidade, liberdade, acesso e participação.

No quadro brasileiro, o perfil das pessoas comuns que participam das conversações na web já foi bastante alterado desde o advento da popularização da Internet<sup>6</sup>. Apesar de as estatísticas apontarem para a imensa exclusão digital, os números indicam um crescimento significativo de usuários de diferentes segmentos sócio-econômicos. Verificam-se padrões de usos diversos por meio das contagens que, no entanto, não revelam sua especificidade enquanto possibilidades de interações. A pesquisa estatística agrupa os iguais, mas deixa de mostrar as peculiaridades das micro-relações que participam da construção do tecido social, como destaca Certeau (1994):

Ela [a enquête estatística] reproduz o sistema ao qual pertence e deixa fora de seu campo a proliferação de histórias e operações heterogêneas que compõem os *patchworks* do cotidiano. A força dos seus cálculos se deve à sua capacidade de dividir, mas é precisamente por essa fragmentação analítica que perde aquilo que julga representar. (p. 46).

---

<sup>6</sup>A mudança no perfil de usuários acompanha o desenvolvimento de novas possibilidades tecnológicas de base digital: “Estamos vivenciando um processo de informatização dos espaços urbanos, marcada pelo surgimento das redes telemáticas, da internet móvel e pelo desenvolvimento da computação portátil...” (LEMOS e VALENTIM, 2007).

È certo que os agrupamentos de dados trazem indicadores que apontam para as formas de acesso a computadores e serviços de Internet, para tipos de uso individual, para atividades desenvolvidas na rede, barreiras de acesso e segurança, uso do e-mail, , comércio eletrônico, habilidades para o uso do computador e internet, uso de governo eletrônico e o acesso sem fio, entre outras possibilidades.

Essa fractalização inicial é, sem dúvida, uma referência contextual importante para dar prosseguimento ao trabalho, que consiste em colocar uma lupa sobre modos de apropriação de espaços com registros de interações comunicativas de coletivos sociais. O exame de tais conversações coletivas, capturadas digitalmente pode elucidar processos nos quais desenrolam-se tramas relacionais, que trazem à tona formas de convivência e contratos firmados (explícita ou tacitamente) entre os participantes.

No processo de pesquisa, a busca por esses registros acabou revelando uma crescente ocupação de espaços telemáticos por pessoas comuns, apontando também para uma produção midiática distinta da proveniente dos meios de comunicação tradicionais e corporativos. As situações observadas na pesquisa mostram uma contigüidade entre as práticas conversacionais na Internet e a vida *off line* dos interlocutores, indicando a necessidade de compreender contextualmente os discursos produzidos. Olhando para a interface, como lugar ou como ambiência que participa da conformação das interações, foi preciso também perceber a realidade mais ampla onde os atos comunicativos se desenrolam, como forma de entender suas múltiplas determinações e mediações.

Partindo de casos empíricos diferentes, tentamos compreender as redes de sentidos e de cooperação tecidas pelos interlocutores, por meio da análise de comunidades específicas em sites de relacionamento, blogs jornalísticos, listas e fóruns de discussão, além de sites de coletivos ativistas. Tais objetos, apesar da diversidade, guardam entre si a visibilidade pública de conversações de diferentes agrupamentos sociais, diante dos quais os sujeitos se expressam para o outro, constroem subjetividades e visões de mundo (BRETAS, 2007). As interfaces desses lugares de troca e compartilhamento dos enunciados, ou seja, os espaços apropriados para a inscrição dessas escrituras nas telas do computador forneceram suporte material para os registros de gestos significantes dos atores em suas interações, diferidas e /ou

difusas ou mediadas de tipo dialógico, conforme a classificação de Braga (2001), deixando ver modos de estar juntos na conformação de comunidades e a ação de coletivos na rede<sup>7</sup>.

## **2. A Internet como dispositivo midiático**

Além de proporcionar novas formas de interpelar o outro, a produção de mídia por pessoas comuns na Internet vem provocando reconfigurações no sistema midiático. São inúmeros os casos servem como exemplo para esta constatação, e entre os mais evidentes está o site do You Tube no qual vídeos digitais domésticos tornam-se “hits” que se expandem para a veiculação em emissoras de televisão, ampliando a audiência para os produtos. Assim, como em outras várias situações, a mídia alimenta-se da própria mídia na sua cadeia produtiva. Com o advento da digitalização e da telemática, este sistema complexo acelera sua expansão, arregimentando novos mecanismos de propagação que encontram novos nichos de mercado e novas oportunidades de negócios.

O sistema midiático caracteriza-se como o conjunto de instituições midiáticas formalizadas e suas práticas, mas também incorpora conceitos e modos de orientar a percepção do mundo, agregando coisas e idéias (BRAGA, 2006). Da mesma forma, a idéia de dispositivo midiático ultrapassa a compreensão como suporte físico e incorpora a noção de matriz que orienta a produção de sentido, ao ordenar a inscrição de enunciados e indicar a conduta da recepção (MOUILLAUD, 1997; VAZ e ANTUNES, 2006). A Internet, compreendida como ambiente de convergência de vários dispositivos midiáticos, também se encaixa no sistema ao apresentar características e funções inerentes ou similares aos meios de comunicação institucionalizados, que estabelecem uma dimensão pública de compartilhamento de sentidos.

A popularização do acesso à rede trouxe para o sistema midiático afetações de variadas ordens, visto que a migração de audiências para o espaço telemático obriga a mídia tradicional e corporativa a se atualizar, incorporando lógicas, formas e conteúdos da Internet. O modelo “um para todos” é balanceado pelas experiências com o modelo “todos para todos”, que indica, potencialmente, uma maior participação dos sujeitos nas interlocuções. Tudo se

---

<sup>7</sup> O caráter conversacional conferido às práticas aqui analisadas é metafórico, já que nas interações diferidas e/ou difusas a alternância nos lugares de fala e escuta entre os interlocutores se realiza no sistema de resposta social, que reverbera, interpreta e dá curso, em diferentes circuitos, aos enunciados produzidos pelo sistema midiático (BRAGA, 2006).

configura como num passe de mágica, deixando ainda um ar de perplexidade diante das inúmeras possibilidades advindas com a tecnologia, capaz de permitir ao cidadão comum o acesso a bases remotas de informação e a publicação de conteúdos, de maneira relativamente simples, além de usufruir da mobilidade de equipamentos aptos a fazerem conexões com o mundo.

Guiados por mecanismos de busca, tipos de oráculos que encontram respostas para os mais diversos assuntos, o sujeito comum é orientado por novos tipos de organizações midiáticas, tendo como símbolo mais expressivo a Google Inc., empresa que reúne vários outros serviços, como o conhecido site de relacionamentos Orkut e o site de compartilhamento de vídeos You Tube. A empresa atribui o sucesso de seus empreendimentos à tecnologia de pesquisa, capaz de garantir que os resultados mais significativos das consultas apareçam nas primeiras posições, bem como à interface “*clean*” e objetiva.

É no ranking desses resultados significativos que vemos surgir, de maneira expressiva, resultados que apontam para a Wikipédia, enciclopédia online, fruto da colaboração de pessoas comuns de vários países. Esta popularidade demonstra a força de seu processo de produção que destaca a participação coletiva na construção de um legado social. Porém, tratando-se de um ambiente diverso, não é nossa intenção comemorar cegamente a ocupação dos territórios da Internet por pessoas comuns. Podemos dizer que as pessoas comuns são espécies de inquilinos, que muitas vezes não dão conta da identidade de seus senhorios – os provedores de acesso e conteúdo, os provedores de infra-estrutura de telecomunicações ou os comandantes da indústria de bens de telecomunicações e de informática.

O caso dos coletivos do CMI, Centro de Mídia Independente<sup>8</sup>, que lutam pela democratização da mídia produzindo mídia, mostra um quadro diferente na ocupação de territórios ou sítios na web, destacando um movimento com capacidades de agendamento e mobilização social. O site do CMI no Brasil<sup>9</sup>, examinado na nossa pesquisa, destaca a interface gráfica como lugar de contato e de atuação do movimento na Internet (LARA, 2006), pois se refere aos espaços ocupados por quem queira publicar textos, fotos, vídeos e

---

<sup>8</sup> O CMI é uma rede de ativistas anti-capitalista, tributário dos protestos de Seattle em 1999. Espalhado pelo mundo, compreende sites de publicação aberta de diversas nacionalidades hospedados no portal Indymedia.

<sup>9</sup> <http://www.midiaindependente.org/>

áudios. Todavia, não é um ambiente anônimo, mas regido por normas editoriais que, dentro das peculiaridades do dispositivo, orientam para a pertinência, ou não, os conteúdos. A tela inicial do site dá aos que ali aportam as indicações sobre as lógicas do movimento ativista, ordenando o ambiente com a publicação de preceitos a serem seguidos, de modo a efetivar as participações.

A interface assume aí uma característica prescritiva. No entanto, dá lugar também para determinados tipos de contestação à ordem almejada pelo coletivo editorial que gerencia o conteúdo do site, ao publicar no interior de uma seção intitulada “Artigos Escondidos” materiais enviados que contrariam as regras expressas pela política editorial. O argumento para esta postura do site é esclarecido no texto de apresentação da política: “Lembramos a todos/as que as publicações contrárias a esta política editorial não são apagadas do sítio.”<sup>10</sup>.

O quadro configurado pela tela inicial do site apresenta uma divisão temática de quatro campos, composta por cabeçalho e três colunas verticais (*frames*) que ordenam as inscrições. A coluna central é a mais larga e mais destacada no diagrama desenhado, acolhendo os editoriais do CMI escritos por voluntários dos coletivos locais e a solicitação de envio de comentários pelos leitores. A coluna da esquerda é destinada às notícias enviadas por qualquer pessoa, desde que acatem as normas editoriais. Este desenho da interface apresenta-se esteticamente para interpelar os leitores, conclamando-os a fortalecer o movimento ativista. Observa-se um cuidado com a organização da tela, de modo a ser agradável a quem acessa as páginas do site. Os modos de dizer mostram apelos que evocam a participação com a publicação de textos, fotos, vídeos e arquivos sonoros. Há também um convite explícito para que o leitor do site se torne um voluntário e apóie o movimento. A retórica é dirigida aos que se identificam (ou que venham a se identificar) com a doutrina do movimento.

A análise dos movimentos ativistas em rede pode partir da compreensão da perspectiva doutrinária, correspondente aos princípios de ordenação e colaboração, e das dimensões narrativa, social e tecnológica que organizam as ações dos movimentos (ANTOUN, 2003). Compreendendo os movimentos ativistas em rede como redes de guerra social, não violentas, Antoun destaca o papel da narrativa que pode dar visibilidade às outras dimensões das organizações:

---

<sup>10</sup> <http://www.midiaindependente.org/pt/blue/static/policy.shtml>

Nestas redes a narrativa é indissociável, como veremos, das conversações recorrentes que geram a montagem e o desenvolvimento da rede e dos testemunhos que acompanham o desenrolar de seus acontecimentos. Dito de outra maneira, se a forma da narrativa mítica parece ainda apropriada para caracterizar a coesão de uma rede como, por exemplo, a de Bin Laden, ela é completamente inapropriada para, por exemplo, a rede Zapatista e inconcebível para a rede de guerra social de ONGs ativistas, grupos anarquistas, grupos hackers, movimento estudantil e movimento ciberpunk contra o estado e atores das corporações que emergiu na Batalha de Seattle. Nas duas últimas redes a narrativa mais se assemelha ao roteiro de um filme experimental que vai sendo escrito não só pelo diretor, mas pelos atores e equipe, conforme a filmagem se desenrola. (p. 179)

As narrativas veiculadas no site do CMI também se identificam com essa escritura coletiva de um filme experimental. Ao dar forma aos textos e imagens escritos na interface, elas também carregam uma estética dos produtos comunicativos, traduzida em modos próprios de apresentar os relatos que tornam visíveis a expressão de muitos. As formas estéticas expressas constituem índices das interações comunicativas de atores comuns, que habitam as interfaces por meio da inscrição de signos de linguagens variadas. Entendemos que esses espaços são “terrenos onde se pode rastrear as modalidades específicas de práticas ‘enunciativas’” (CERTEAU, 1994, p.86). São lugares próprios, definidores de uma racionalidade escriturística que oferece uma visão de mundo calcada em valores que desejam fortalecer.

### **3. Dimensões estéticas dos atos de linguagem**

A linguagem e os discursos compõem o mundo ao dizê-lo (FRANÇA, 2001). Dessa forma observamos que a linguagem é matéria prima para a construção desses habitats telemáticos, cuja arquitetura revela retóricas que dispõem argumentos, organizam as idéias e descobrem modos atraentes de dizê-las em prol da conquista do outro. Como em outros suportes comunicativos, os textos escritos, assim como os imagéticos e sonoros, levam em consideração o outro da interação, almejando uma partilha do sensível e propondo uma experiência estética, que se funda na perspectiva relacional da comunicação.

Os achados da pesquisa sobre diálogos em espaços de discussão, como listas, fóruns e blogs, também dão relevância à natureza estética das interlocuções, conformadas de acordo com modalidades contratuais peculiares a cada grupo ou comunidade que articula cadeias de enunciados, imprimindo marcas próprias de enunciações. Um desses objetos, referente a uma lista de discussão por e-mail sobre transtornos alimentares (FARIA, 2007), dá o exemplo para

compreendermos tais aspectos <sup>11</sup>. Os participantes da lista integravam o Grupo Sinto Muito que reunia grande quantidade de pessoas, mulheres em sua grande maioria, em torno de conversas sobre anorexia, bulimia e o comer compulsivo. Hospedada no site da Yahoogrupos, estava inserida na categoria “apoio”, o que, por si só, denota uma promessa de colaboração aos participantes do grupo. Sequências capturadas de falas alternadas (*threads*<sup>12</sup>) nas interfaces do grupo no hospedeiro revelam um estilo de narrar dos participantes que falam de si, solicitam ou oferecem ajuda aos outros.

A seguinte mensagem, postada por uma participante do grupo, resume estas disposições e dá a ver um processo de interlocução, no qual outros enunciados produzidos por outros participantes são incorporados para balizar ações do cotidiano no enfrentamento dos transtornos alimentares:

“Este email pode parecer meio inútil, mas só pra dizer a todos para escreverem sempre... mesmo quando as mensagens não são pra gente, e mesmo parecendo, as coisas 'as vezes fazem diferença... Esse fim de semana eu me saí super bem quanto à minha dieta, e eu estava com um problema localizado no fim de semana, com relação aos convites sociais... e com isso sempre vomitava. A coisa estava começando a sair do controle, estava começando a aumentar os vômitos, passar pros dias de semana pq eu ficava com medo, nervosa já de antemão. Comecei a pensar em desistir de tudo e aceitar que não existe muita solução... Mas 'as vezes ouvir certas coisas fazem alguma diferença... Eu gostei muito do que a D. falou num email aí pra trás... "É difícil, demora, a gente tem várias recaídas, vontade de desistir. Eu comecei a melhorar quando assumi pra mim que desistir não era uma opção, porque era a minha vida que estava em jogo. Eu disse pra mim mesma: mesmo que eu não consiga, se for pra eu morrer, eu vou morrer lutando. Acho que deu certo, porque eu sobrevivi. Aqui no grupo, há vários sobreviventes - dos que já passaram pela pior parte, e dos que continuam sobrevivendo a ela, todos os dias". Fiquei com isso na cabeça, achei uma postura e tanto. Tentei me esforçar muito e me segurar. Lógico que somado a isso outras coisas que ouvi nesse último mês - no grupo, fora dele - tb foram essenciais. Acreditar que alguma coisa é possível... E eis que depois de 5 meses de tratamento este foi o primeiro fim de semana que eu não fiquei me remoendo com medo de engordar, nem vomitei. E saí, encontrei com as pessoas, fiz coisas que costumava fazer e há 5 meses não fazia. Pode parecer pequeno, mas eu estou muito feliz mesmo... Então não deixem de falar, mesmo que pareça que pode não fazer diferença. 'As vezes faz mais diferença do que a gente espera...”

---

<sup>11</sup> O material coletado nesta lista compreendeu o conjunto de mensagens veiculadas no período de 2002 a 2006, quando o grupo deixou de ser público, isto é, visível para qualquer pessoa. A lista era administrada por uma moderadora que deixava explícito seu papel na condução das conversas.

<sup>12</sup> “Uma *thread*, ou ainda *topic thread*, *thread de discussão*, *árvore de tópicos* ou *árvore de discussão* é bastante comum na internet, em especial em fóruns de discussão. É uma espécie de “linha de discussão” que, a partir de uma mensagem original qualquer postada em algum local de discussão virtual, é possível que haja respostas que vão sendo subordinadas uma à outra. É possível que haja resposta da resposta e assim por diante, formando então essa cadeia de tópicos que é chamada *thread*. É como uma conversa em cascata. [http://pt.wikipedia.org/wiki/Thread\\_%28discuss%C3%A3o%29](http://pt.wikipedia.org/wiki/Thread_%28discuss%C3%A3o%29)

Podemos encontrar na mensagem indícios das interações que ocorrem no grupo, manifestos pela linguagem e pelo modo de dizer. Os reflexos mútuos nos enunciados podem ser compreendidos como marcas de interações. Deixam transparecer vínculos entre os participantes, compartilhamento de pontos de vista, duração da convivência e enfim, sentimentos de pertencimento. Também é evidenciada a rapidez da escrita, cifrada por abreviaturas que dão fluidez e velocidade às conversações, no caso, assíncronas. “Falar faz a diferença”, pois conforma situações e ocasiões. O encadeamento de enunciados requer pronunciamentos dos interlocutores, pois, caso contrário, a conversa não se efetiva e as interações perdem seu caráter conversacional de reciprocidade e alternância de falas.

Os enunciados são estudados por Bakhtin (2003) a partir do modelo primário do diálogo que se realiza na conversação cotidiana. O limite do enunciado é dado pela alternância dos falantes e demanda uma compreensão responsiva, ou uma resposta do outro. Prevê o outro em atividade de compreensão que pode significar: “uma resposta, uma concordância, uma participação, uma objeção, uma execução etc.”(p. 272). O diálogo é, então, composto de réplicas cujas categorias destacam “relações de pergunta-resposta, afirmação objeção, afirmação-concordância, proposta-aceitação, ordem-execução, etc.” (p. 275) - Estas categorias, apreendidas contextualmente revelam, então, formas das interações, regidas por contratos explícitos ou implícitos. Diferentes tipos de enunciados proporcionam diferentes gêneros de discurso. Estes, por sua vez, apresentam uma dimensão normativa que rege a elaboração do discurso.

No caso da lista de discussão sobre transtornos alimentares, as regras para a participação estavam objetivamente relacionadas numa espécie de regulamento, disponíveis no site do Yahoogrupos, em texto que discorre sobre o funcionamento do envio e recebimento de mensagens, bem como as regras para a escrita. Dentre várias, uma delas pode expressar a entonação do sentido da regulação das ações aí empreendidas, já que recorre a uma das primeiras normas de etiqueta na Internet firmadas consuetudinariamente – a *netiqueta*: “Não escreva com todas as letras em maiúsculo (caps lock)”. Desde o início da circulação de mensagens escritas em e-mail, chats, fóruns etc., as normas de convivência na Internet têm sido objeto de atenção e deliberação por parte de seus usuários, sendo incorporadas ao uso. A escrita grafada com letras maiúsculas é indelicada para com o outro, pois simula a expressão vocal do termo lingüístico em timbre de gritos, o que demonstra

deselegância. A elegância, que diz respeito a uma estética, aparece bem-vinda e o comportamento, expresso nos enunciados, deve ser de polidez e respeito para com o outro.

As interações comunicativas são necessariamente uma “*atividade cooperativa*” necessária à produção de um pacto operacional entre os atores (Goffman, 1985:21). Assim, o acordo é uma condição fundamental para que as conversações possam ser empreendidas porque demandam disposições dos falantes para o diálogo. Desta forma, acordos ou contratos dessa natureza, que são firmados de maneira tácita ou explícita, permitem que a comunicação exerça sua força pragmática e produza intervenções em contextos lingüísticos e extralingüísticos. Esse caráter das conversações aproxima-se do “princípio de cooperação” de Grice, conforme os estudos de Parret (1997), que focaliza a vontade compartilhada de uma comunidade de falantes de ter normas que garantam a vida comunitária:

O ser-em-comunidade, na vida prática das sociedades, só é possível a partir do desejo comum do obrigatório e é de fato esse desejo que pressupomos no outro quando devemos descodificar a significação de seu discurso e de seu comportamento. (PARRET, 1997: 35)

A cooperação é então motivada por uma cumplicidade que leva o interlocutor a mobilizar-se para agir, de modo a compreender os enunciados que se sucedem no desenrolar da conversa. Processos de comunicação discursiva seriam, assim, sempre cooperativos, mas nem sempre colaborativos. A qualidade inerente à ação colaborativa requer um maior engajamento dos atores para a realização de objetivos das comunidades de falantes, pressupondo a participação como um compromisso firmado com os valores que agregam os interlocutores, o que confere uma dimensão ética ao ser-em-comunidade. Sobre os limites da cooperação em processos de comunicação mediada por computador Primo (2007) adverte: “

A existência de regras adequadas às necessidades locais e a possibilidade de atualização das mesmas pelos próprios participantes da comunidade, contudo, não garantem trocas colaborativas. Kollock e Smith (1996) comentam que as pessoas podem deixar de se motivar em cooperar se outros não compartilham da mesma intenção. (p. 218)

#### **4. Competências comunicativas**

Esse compartilhamento de intenções, ou de vontades, significa uma comunhão de valores dos grupos sociais, orientadores da conduta “no que diz respeito ao entendimento do bem e do mal para um determinado grupo” (SODRÉ, 2002, p. 173). Compreendida nesses moldes, uma comunidade ética, usando os termos de Bauman (2003), exigirá entendimentos compartilhados, o que põe em marcha os processos comunicativos capazes de transformar

seus membros em sujeitos interlocutores. Assim, o exercício da comunicação discursiva, demanda competências específicas aos sujeitos, nas quais se incluem apropriações tecnológicas e de linguagens necessárias para dar visibilidade e engendrar tais processos. Portanto, as práticas comunicativas das comunidades, para aperfeiçoarem seus processos, devem ampliar as possibilidades de expressão e diálogo de seus membros, tornando-os aptos a participarem das conversações sociais.

As diferentes práticas de comunicação discursiva de pessoas comuns na web produzem formas de interação heterogêneas. A disparidade dos dois quadros empíricos mencionados – o caso do CMI e o da lista de discussão sobre transtornos alimentares – está longe de enquadrar as possibilidades de interação, que acompanham o crescimento da tecnologia. São gêneros de discurso de naturezas diferentes, mas que guardam entre si a propriedade de apresentar textos ou falas de pessoas comuns, ainda que por métodos e objetivos diferenciados. Ao entendermos os dispositivos midiáticos como algo que proporciona visibilidade pública para uma audiência, observamos também que os dois casos se encontram encaixados na estrutura de dispositivos midiáticos<sup>13</sup> e se caracterizam como tal, pois tornam visíveis, ou perceptíveis, publicamente os conteúdos produzidos.

Uma diferença radical entre os casos é o tipo de movimento das narrativas produzidas no seu fazer midiático. A lista de discussão funcionava como um grupo quase terapêutico, que tinha na moderação a função de controle para o fiel cumprimento das regras dispostas, como forma de garantir a realização das propostas do grupo. As conversas articuladas indicavam um movimento centrípeto dos participantes que pareciam entender o grupo como um refúgio isolado para a discussão e exposição de problemas de ordem privada, dado o modo como formulavam seus enunciados. As normas de funcionamento alertavam para as possibilidades de exposição e recomendavam aos participantes não divulgar seus dados pessoais, que podiam ser rastreados por mecanismos de buscas. Porém, deixavam de esclarecer que o conjunto de e-mails enviados era publicado em páginas da web, no interior do site Yahoogrupos. As normas também solicitavam posturas éticas como respeito à privacidade dos participantes e manutenção de sigilo, comunicando que os comportamentos adversos seriam punidos com advertência ou mesmo exclusão do grupo. O gerenciamento do grupo era centralizado pela moderadora, que muitas vezes apagava as marcas de conflitos nas interlocuções, já que as mensagens antes de serem publicadas sofriam seu crivo e podiam ter

---

<sup>13</sup> Os dispositivos midiáticos apresentam a propriedade de dar a ver publicamente.

partes extirpadas, caso fossem julgadas inconvenientes. Todavia, essa produção conversacional tornava-se conteúdo de mídia, incorporada a uma nova modalidade de veículo de comunicação que, como no sistema midiático tradicional precisa expandir sua audiência para atrair os investimentos publicitários. Podemos dizer que o grupo se apropriou do espaço, mas sem a clareza dos limites dessa ocupação.

As ações do CMI traçam um curso diferente, assumindo um fazer midiático em seu próprio emblema externado no slogan: *Não odeie a mídia, seja a mídia*. Assim, realiza um “movimento centrífugo” de propagação doutrinária, com vistas a ocupar o espaço midiático e a possibilitar o ingresso de mais vozes no diálogo social, por intermédio da ação de coletivos editoriais e técnicos. Trata-se de luta por visibilidade assumida como tal e “vencer a barreira da invisibilidade é o primeiro passo para tomar parte no fórum cívico constituído pela mídia” (MAIA, 2006, p.1610).

As narrativas do CMI apresentam um fio condutor coerente com a doutrina explicitada nas suas prescrições normativas. A prática da expressão que ocupa espaços midiáticos é incentivada, caracterizando o tipo de apropriação tecnológica como condição de liberdade:

O CMI defende a liberdade de conhecimento e de acesso a ele; para contribuir com a concretização destas liberdades, incentivamos o uso de softwares livres e a publicação em formatos livres (.ogg para áudio, .png para imagens, etc.) e em formatos proprietários públicos (.rtf e .pdf para textos, .mpg para vídeos, etc.). Não incentivamos o uso de formatos proprietários (.doc para texto, .ppt para apresentação de slides, etc.). Da mesma maneira, todo o conteúdo do sítio é disponibilizado sob a licença de copyleft (ver rodapé da página inicial), a não ser que o/a autor(a) mencione o contrário no artigo.<sup>14</sup>

Os dois casos aqui enfocados, longe de dar conta da complexidade das questões que os circundam, apresentam as pessoas comuns agindo sempre por meio da linguagem que produz efeitos nas situações, suscitando cooperações, conflitos e colaborações. As marcas das apropriações dão mostras da dimensão estética das interações que, por sua vez, participam da ordenação normativa que as rege, conformando dimensões éticas.

## Referências

ANTOUN, Henrique. A multidão e o futuro da democracia na cibercultura. In: FRANÇA, Vera et al (orgs.). **Livro do XI Compós 2002**: estudos de comunicação, ensaios de complexidade. Porto Alegre: Sulina, 2003. p.165-192.

---

<sup>14</sup> <http://www.midiaindependente.org/pt/blue/static/policy.shtml>

- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- BRAGA, José Luiz. **A sociedade enfrenta sua mídia**: dispositivos sociais de crítica midiática. São Paulo: Paulus, 2006.
- BRAGA, José Luiz e CALAZANS. Regina. **Comunicação e educação**: questões delicadas na interface. São Paulo: Hacker, 2001.
- BRETAS, Beatriz. A expansão do eu na vida cotidiana: a construção da subjetividade em territórios telemáticos. In: CAIAFA, Janice e ELHAJJI, Mohammed. **Comunicação e sociabilidade**: cenários contemporâneos. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p.201-215.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: Artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- FARIA, Carla Soares. **O fantasma na máquina**: discurso e construção de sentido sobre o corpo em uma lista de discussão sobre transtornos alimentares.. Belo Horizonte, GRIS: 2007 (monografia). Disponível em:  
<http://www.fafich.ufmg.br/gris/biblioteca/monografias/carlaf.pdf/view>
- FRANÇA, Vera. **Discurso de identidade, discurso de alteridade**: o outro por si mesmo Belo Horizonte, GRIS: 2001. Disponível em:  
<http://www.fafich.ufmg.br/gris/biblioteca/artigos/discurso-de-identidade-discurso-de-alteridade-o-outro-por-si-mesmo.pdf/view>
- LARA, Glauciene Diniz. **“Odiar a mídia ou ser a mídia”**: os sujeitos nas interfaces do CMI. Belo Horizonte, GRIS: 2006 (monografia). Disponível em:  
<http://www.fafich.ufmg.br/gris/biblioteca/monografias/odiar-a-midia-ou-ser-a-midia.pdf/view>
- LE MOS, André e VALENTIM, Júlio. Redes sem fio no Brasil: infra-estruturas e práticas sociais. In: LEMOS, André (org.) **Cidade digital**: portais, inclusão e redes no Brasil. Salvador: Edufba, 2007. p. 49-96.
- MAIA, Rousiley . **Mídia e deliberação**: atores críticos e o uso público da razão. In: MAIA, Rousiley e CASTRO, Maria Ceres S.. **Mídia, esfera pública e identidades coletivas**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006. p.153-179.
- MATTELART, Armand. Qui contrôle les concepts ? **Le Monde Diplomatique**, aout 2007, p.23.
- MOUILLAUD, Maurice. Da forma ao sentido. In: MOUILLAUD, Maurice, e Sérgio Porto (orgs.). **O jornal, da forma ao sentido**. Brasília: Paralelo, 1997. p. 29-35.

PARRET, Herman. **A estética da comunicação**: além da pragmática. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

PRIMO, Alex. **Interação mediada por computador**: comunicação, cibercultura, cognição. Porto Alegre: Sulina, 2007.

SANTOS, Boaventura de Sousa (Org.) **Conhecimento prudente para uma vida decente**: "Um discurso sobre as ciências" revisitado. São Paulo: Cortez, 2004

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho**: uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

VAZ, Paulo Bernardo e ANTUNES, Elton. Mídia, um aro, um halo, um elo. In: FRANÇA, Vera e Guimarães, César. **Na mídia, na rua**: narrativas do cotidiano: 2006.

WIKIPÉDIA. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org>